

Introdução à «Evolução Social-histórica do Nordeste»

TH. POMPEU SOBRINHO

De maneira geral, poderíamos considerar o NORDESTE como sendo toda a vasta região do território nacional que ocupa o setor NE do país, região que se enquadra entre o Oceano, o paralelo de 11° S. e o meridiano de 43° W de Gw. Contem-se inteiramente dentro deste enorme âmbito os estados do Ceará, Rio-Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas; quasi completamente o de Sergipe, três quartas partes do estado do Piauí e uma terça parte do da Baía. A área assim delimitada mede aproximadamente 700 mil quilômetros quadrados, ou seja um pouco mais de 8% da superfície total do Brasil.

Razões de ordem geográfica, social e histórica, porem, reduzem o território nordestino ao espaço compreendido entre o mar e os rios São-Francisco (curso inferior) e Parnaíba (curso médio e inferior), ficando deste modo excluídos os estados de Sergipe e Baía.

Importa não confundir o nordeste geográfico com a zona brasileira das secas, terras periodicamente assoladas pelas grandes estiagens de caráter calamitoso, que é bem mais vasta, embora não mais diferenciada. A região onde dominam as secas se estende amplamente pela Baía, vai aos confins de Goiás e transpõe o Parnaíba, avançando sobre certo trecho do Maranhão; corresponde aproximadamente ao sertão onde impera essa especialíssima associação florística denominada *catinga*. Nos sertões da Baía e do Piauí estão os tratos mais áridos do Nordeste.

Neste estudo, apreciaremos apenas o ângulo do território brasileiro que compreende os estados do Ceará, Rio-Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, cuja formação político-social se processou

análoga e conseqüentemente, dentro de um círculo de expansão tendo por foco o centro demográfico Olinda-Recife. Todavia, no intuito de esclarecer origens e estabelecer correlações históricas, no propósito de definir e caracterizar o processo evolutivo social na região apontada, que exige a importação de energias estranhas, estímulos extraterritoriais, aqui e ali, teremos de abordar fatos concernentes a outras regiões, circunvizinhas ou mesmo remotas, desde que até lá cheguem ou tenham chegado relações de ordem social e histórica que interessem diretamente àquelas origens e correlações.

Nestas condições, em rigor, deveríamos incluir no quadro destes estudos também, senão todo, grande parte do Piauí, particularmente os trechos sul e central, inicialmente povoados, depois de descobertos e desbravados por fazendeiros do rio São-Francisco. Mas, entre outras razões, a necessidade de imprimir ao texto a homogeneidade de redação requerida pelo bom equilíbrio dos assuntos, tal não permite, visto como, para essa região, rareiam as informações seguras, os dados necessários e suficientes a uma composição análoga à que devemos ter para os estados indicados. Com isto, está claro, não nos eximimos de referir abundantemente fatos da história piauiense correlacionados com a síntese adstrita ao território que é objeto precípua destas apreciações.

* * *

A sociedade humana que se implantou no litoral pernambucano, ao alvorecer da nossa história, encontrou condições de ambiência que facilitaram a sua expansão, dilatando o espaço social da sua influência pelos territórios que se abriram pelo continente a dentro até colidir com a zona de influência do centro de expansão baiano e a zona de influência do centro de expansão maranhense.

De princípio, a influência baiana, atravessando o rio S.-Francisco, derramou-se pelos sertões transboreanos, ao oeste de Pernambuco e Paraíba, atingiu o rio Parnaíba e foi além, internando-se um pouco pelo território maranhense. Porém, mais tarde, Pernambuco conseguiu suplantá-la influência da

Baía, numa certa zona, reivindicando as regiões que atualmente, por trás da Borborema, vão ter aos lindes que dividem Baía e Piauí de Pernambuco e Paraíba.

Vê-se portanto que, atendo-nos ao espaço delimitado pelas extremas de circunscrições político-administrativas atuais, o que poderia parecer muito artificial, ficamos, todavia, em correspondência satisfatória com o cenário dentro do qual se processou uma formação histórico-social bem definida. Até mesmo o caso, acima referido, da exclusão de certo trecho do território do Piauí parece agora suficientemente justificado. Realmente, esta região piauiense continuou pacífica e praticamente sob a influência baiana até, pode-se dizer, os nossos dias. A criação da província do Piauí não prejudicou a influência baiana senão no que diz respeito aos fatos de ordem administrativa. Ainda agora, é pelos portos do rio S.-Francisco, principalmente pelo de Juazeiro, que a civilização penetra o sul do Piauí, com o comércio de cera de carnauba, de maniçoba (já extinto), de couros, de peles, etc.

* * *

No estudo da evolução de uma sociedade, de um grupo humano que se fixou em determinada porção da superfície terrestre, importa sobremaneira caracterizar, definir, descobrir as origens, correlacionar os elementos, acompanhar as variações dos fenômenos históricos, antes mesmo do que seguir a sucessão dos fatos meramente sociais. Acompanhar esta sucessão seria extremamente monótono, incolor, incharacterístico e quasi desprovido de interesse prático. A ordem social por si é teórica; não tem representação concreta. Seria apenas o plano do desenvolvimento de um agregado humano no seio de um meio ideal que não comportasse dissemetrias outras que aquelas necessárias e somente suficientes para que se processassem fenômenos exclusivamente sociais e nunca fenômenos históricos. A situação da sociedade assim estudada seria análoga à de um organismo que pudesse viver num meio onde se tornasse impossível sofrer qualquer doença, por mais insignificante que fosse. Tal meio e tal or-

ganismo não existem; apenas podem ser concebidos teoricamente.

A sociedade que evoluísse nesse meio ideal, sob a ação de energias puramente sociais, isto é, pelo estímulo de processos adaptativos equilibrados; pela conformação recíproca de seus elementos sem experimentar desvios, apresentaria a forma geométrica de um cone, equilibrado pelo seu vértice e crescente regularmente no sentido da base. Estaria, pois, sujeita a um equilíbrio instável, extremamente precário. A sua religião, a sua moral, a sua economia, a sua arte, a sua política, a sua ciência (inteligência), etc., seriam dosadas, e de tal modo graduadas, que jamais se permitisse o surto ou o atraso de um destes processos adaptativos em relação aos outros. Qualquer perturbação deste equilíbrio, estímulo externo que provocasse a aceleração de um ou de certos desses processos, tirando-os do seu movimento normal, seria o bastante para que a evolução social experimentasse um desvio lateral, e sob o impulso de fenômenos históricos que se tornariam possíveis mercê de uma alteração do meio que, destarte, já permitiria dissimetrias novas, diferentes de quantas anteriormente comportava.

Compreendemos, então, claramente, a importância primordial da história na definição da evolução social de um agrupamento humano radicado à terra. Mas a história é função do meio geográfico. Daí, a necessidade de caracterizá-lo toda vez que se quer estudar convenientemente o desenvolver de uma sociedade.

* * *

A evolução das sociedades obedece a um princípio que se pode dizer universal, porque vem da extrema expressão da matéria. Entrevisto pelo geógrafo Ratzel (lei espacial), pelo sociólogo Richard (lei da extensão), e generalizado por Pontes de Miranda, que o precisou admiravelmente e o denominou princípio da CRESCENTE INTEGRAÇÃO E DILATAÇÃO DOS CÍRCULOS SOCIAIS, está intimamente correlacionado com outro princípio, o da DIMINUIÇÃO DO QUANTUM DESPÓTICO.

Resulta em todo círculo social uma compressão

individual, recíproca, mas de caráter acomodaticio, em benefício da sua integração e dilatação. Esta acomodação se faz mercê dos processos de adaptação conhecidos, cuja eficiência é inversamente proporcional ao QUANTUM despótico.

A sociedade age sobre os indivíduos, sujeitando-os a um processo de conformação que nem sempre se realiza sem constrangimentos e prejuízos da liberdade pessoal. Como não pode haver ação sem a correspondente reação, o indivíduo protesta e por sua vez vai influir, mais ou menos eficientemente, sobre a sociedade, modificando a adaptação geral. A reação se faz sentir tanto mais energicamente quanto maior é a integração do elemento individual, e o seu efeito pode ser no sentido de contrariar o processo adaptativo ou, ao invés, no sentido de exaltá-lo, acelerando anormalmente a marcha deste processo. De qualquer maneira, porém, rompe o equilíbrio dinâmico normal e característico das circunstâncias ambientes que até então existiam. Arma-se, pois, uma dissemetria e decorrem fenômenos especiais e bem definidos fenômenos históricos.

Mas, com a dilatação dos círculos sociais, uns interferem nos outros, dando lugar a relações mais complexas entre eles. Deste modo surdem ações e reações recíprocas no sentido amplo, mais ou menos remoto, de acomodações mais largas. Dimanam destas circunstâncias para os círculos, considerados individualmente, efeitos que se refletem em perturbações dos processos adaptativos respectivos, no sentido positivo (aquisição de elementos culturais úteis), trazendo um surto evolutivo; ou no sentido negativo (pilhagem, guerras, conflitos, etc.), trazendo um aumento do QUANTUM despótico. Ordinariamente, as cousas passam-se de modo tal que há, para os círculos inferiores, progressos adaptativos em certos processos, e regressões em outros, podendo decorrer do balanço final uma resultante positiva ou negativa, isto é, uma evolução ou uma involução.

O que, porém, jamais deixa de haver é a perturbação na marcha normal da adaptação, dando lugar ao fenômeno caracteristicamente histórico. Vê-se que, em resumo, estas alterações nos processos adaptativos, dentro de dado círculo social, são de cunho essencialmente humano; provem das reações

individuais provocadas pelos interesses de ordem social ou superiores que muitas vezes colidem com interesses de ordem pessoal.

Mesmo quando a reação é originariamente de círculo a círculo, o caráter pessoal torna-se evidente porque, em última análise, os esforços em jogo, depois de vencidas todas as forças passivas, que são inevitáveis, como o atrito em mecânica, tendem para uma acomodação dos indivíduos, dos agrupamentos em contacto, a uma ambiência mais larga, a um círculo maior que se está constituindo insensivelmente, e do que vai resultar finalmente uma diminuição do QUANTUM despótico, beneficiando individualmente a todos.

Mas tanto as ações conformadoras da sociedade, como as reações dos indivíduos ou dos círculos entre si, estão fatalmente subordinados a dois freios diretores que lhes dão orientação possível dentro de uma faixa, mais ou menos estreita e bem determinada: o MEIO CÔSMICO e as TENDÊNCIAS processadas no passado.

Ficamos, pois, compelidos a abrir diante dos olhos dos leitores o cenário geográfico, o ambiente cósmico nordestino, salientando as suas características, sublinhando as suas particularidades. Quanto às tendências do passado, a força da tradição, a orientação cultural, veremos no decorrer da exposição como influíram, que parte tomaram no correlacionamento dos fatos analisados.

O meio geográfico não determina o fenômeno histórico, não está nele a sua razão de ser, a sua origem. Esta vem de outros determinantes, de outras fontes. Mas, nem por isto, deixa de condicioná-lo, orientando-o, estimulando-o, prolongando-o ou retardando-o, limitando, senão impedindo mesmo, a sua realização. O efeito do meio geográfico sobre os fenômenos sócio-históricos é, conseqüentemente, modelador; imprime uma forma à matéria social. Não se compreende o aspecto de uma sociedade sem o conhecimento do ambiente cósmico em cujo seio ela evolve.

Para que num meio geográfico dado surjam fenômenos históricos é indispensável que ele receba um certo material humano, que um grupo social ve-

na ocupar certa área territorial. E' indispensavel que uma certa energia social seja para ai transportada, contida uma porção qualquer de massa social. Mas, porque, como alhures, a forma de energia social há de ser olhada como o produto de duas variaveis principais, o fator de intensidade e o fator de extensidade, importa atender as relações entre tais variaveis, de que depende o equilibrio do sistema. Então, o meio geográfico passa a agir: sobre a sociedade, concorrendo para orientar a sua evolução numa direção possivel; sobre os individuos, exigindo-lhes adaptações especiais. Atua, pois, direta e indirectamente.

O seu carater de absoluta necessidade é evidente; não há fato histórico ou social que não se processe num espaço geográfico, e este fato, desde que nasce e se desenvolve em contacto com a ambiência cósmica, experimenta as suas contingências. Em primeiro lugar, o fato que estava em potencial, prestes a eclodir, somente o conseguirá se o meio físico permitir; e, uma vez iniciado, seguirá uma direção permitida pelo meio, que tambem lhe fornecerá energias para que ofereça maior ou menor desenvolvimento.

De princípio, numa sociedade incipiente, a influencia do meio físico se revela mais direta; depois, com o esforço crescente de adaptação do meio às necessidades biológicas e sociais, se torna menos direta, menos aparente, por isso que as dissimetrias iniciais entre o meio geográfico e o corpo social se vão esbatendo e até mesmo, em certos casos, desaparecendo, vencidas pelo natural trabalho de simetrização que nasce do desenvolvimento cultural. A sociedade fixa-se mais firmemente à terra, melhormente conhecida e portanto melhormente dominada. Este processo de estabilização, se o meio físico o permite, é progressivo, crescente. O grupo social aprende a vencer as reações desfavoraveis do meio físico e sabe tirar mais proveito e melhor rendimento das reações favoraveis.

Os que não compreendem a ação do meio físico ou geográfico sobre a sociedade, a sua evolução e a história, objetam que, sendo este meio constante, os fenômenos sociais e históricos deviam ser uniformes em meios idênticos, e, entretanto, nada mais variavel

do que tais fenômenos, maxime os últimos, que jamais se repetem.

Ora, o fenômeno histórico é função de muitas variáveis independentes ou, melhor, é uma função composta de diversas funções, cada uma, por sua vez, tendo variáveis independentes. O meio físico é apenas uma destas funções componentes ou secundárias, sem, todavia, a fixidez proclamada pelos que ignoram elementares princípios de geologia e de física.

O meio geográfico varia no espaço e no tempo, apesar de nos dar a impressão de imobilidade pela curteza da vida humana. Não há na superfície do globo dois espaços idênticos, portanto condicionando identicamente o que dele depende. Dois espaços geográficos diversos, embora muito semelhantes, agem diversamente sobre as sociedades que neles se implantaram e estas, por sua vez, acomodando-se neles, reagem diferentemente.

Mas, se as sociedades variam, em maior proporção o fazem os elementos individuais, sensivelmente mais plásticos. Com o desenvolvimento cultural, os homens reagem mais energicamente contra o meio, procurando adaptá-lo, como referimos, às suas necessidades orgânicas e sociais, portanto modificando-o, isto é, fazendo geografia.

Compreende-se então como é natural esta variação da história no espaço e no tempo, condicionada simultaneamente pelo meio social notavelmente instável, pelo meio geográfico variável e pelos homens, cujo psiquismo muda a cada instante, sob a ação de agentes endógenos e exógenos.

A complexidade do fenômeno histórico não admite repetições; sua fâcies caracteriza-se pela multiplicidade de aspectos. Destas circunstâncias dimana o cepticismo de notáveis historiadores sobre a possibilidade de erigir em ciência a história dos homens. Ciência pressupõe leis, isto é, repetições, uniformidade. Como, pois, nesta terrível variabilidade, incompatível com a noção de lei, estabelecer relações necessárias entre os fatos?

Todavia, no *mare-magnum* dessa variabilidade é possível descobrir algo de uniformidade e de fixidez.

O plano biológico que moldou a espécie humana deu-lhe certas necessidades comuns que determinam a uniformidade de muitas instituições e a semelhança de muitas outras.

É certo que o fenômeno histórico encerra partes constantes ou relativamente constantes, decorrentes de propriedades fundamentais constantes, dentro de limites determinados. Assim, portanto, embora o fato histórico tenha fisionomia singular, caráter próprio ou individual, trai na sua contextura traços de semelhança e até de quasi identidade com outros fatos históricos. Isto, aliás, é perfeitamente natural; em análise matemática as funções, mesmo as de muitas variáveis independentes, tem termos constantes, coeficientes fixos que influem na variação da função, impelindo-a por determinados caminhos. Dá-se o mesmo em sociologia e em história, as funções de que dependem, embora de muitas variáveis independentes, tem elementos fixos, coeficientes constantes, imutáveis, que dão orientação determinada à variação da função principal,—o fenômeno histórico.

Esperamos poder salientar, no decorrer da exposição, a influência decisiva do meio físico no modo de eclosão, no desenvolvimento e na transformação de alguns fenômenos históricos que caracterizaram a evolução social no Nordeste.

* * *

Como deixamos referido, os fatos históricos não dependem apenas do meio físico; outros elementos ativos interferem poderosamente. Importa contar com as ações puramente humanas, fatores fisio-psíquicos, entre os quais está certamente a origem, o ponto inicial, sutil, do fenômeno histórico, ações que se manifestam sob vários aspectos.

Os esforços de adaptação biológica, a necessidade imperiosa de nutrição, de abrigo, de defesa contra a fauna e a flora agressivas, as disposições orgânicas ou constitucionais (explicadas pela hereditariedade e alimentação), etc., tudo considerado numa integração de energias elementares, dentro da massa gregária, constitue agentes que modificam a cada instante o meio histórico, abrindo dissimetrias novas. Mas, ao lado destas ações que poderíamos dizer fi-

siográficas, temos que emparelhar as ações psíquicas, os esforços integrados no sentido de orientar e executar idéias, de obedecer a crenças, de satisfazer impulsos inconscientes de desejos recalcados, de seguir opiniões.

As circunstâncias atuais, abstração feita do passado, dariam àquelas ações físiopsíquicas uma certa orientação, compatível com o meio sócio-histórico, se outras ações, de caráter mais íntimo, cujas raízes vem atrás, mergulhando no passado, espécie de hereditariedade social, não se fizessem sentir também sob a forma de tendências. Estas, condicionadas pelos fatos históricos pretéritos, conseguem modificar sempre, normalmente, aquela orientação, desviando-a mais ou menos energicamente, para a direita ou para a esquerda, para cima ou para baixo, freando ou exacerbando as suas energias. Só excepcionalmente tais tendências coincidirão com a direção e o sentido da resultante parcial das ações físiopsíquicas.

O comportamento do grupo social, pois, resulta das ações combinadas dos meios físico e social, sendo este último, por sua vez, decorrência da combinação do meio social atual, tal como seria em virtude de uma dinâmica social pura, atual, e das tendências histórico-sociais vindas do passado, ainda persistentes por um fenômeno de inércia social.

O que chamamos o meio social atual, despido das tendências geradas no passado, é o resultado dos esforços de adaptação biológica e social da massa social, num meio físico dado. Por sua vez a adaptação social promana de combinação mais ou menos normal ou não dos processos religioso, moral, econômico, político, de arte e cultural. Este último depende do modo como se realizam e se aplicam empréstimos de elementos de cultura, tomados a outros meios sociais, e também da maneira porque internamente surgem e se elaboram elementos de civilização.

Esta exposição, embora extremamente apressada, revela a grande complexidade do problema que desejamos esboçar em largos delineamentos.

«Evolução Social-histórica do Nordeste» é trabalho em elaboração, que o Autor pretende publicar oportunamente.